

## **Análise comparativa das notícias sobre o incidente na Pacheco Fernandes em Brasília e as conseqüências da ausência do jornalismo<sup>1</sup>**

Alexandre Nonato<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC

### **RESUMO**

O artigo apresenta uma análise das notícias publicadas sobre um incidente na construtora Pacheco Fernandes, durante a construção de Brasília (governo Juscelino Kubitschek), que até hoje permanece controverso e alvo de pautas de grandes reportagens em vários jornais brasileiros. Para isto, temos como referência a comparação de notícias publicadas em oito jornais no período de fevereiro de 1959, cujo objetivo é trazer algumas reflexões a respeito da ausência do jornalismo e suas conseqüências históricas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História do Jornalismo, Coberturas jornalísticas e Juscelino Kubitschek.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo (DT 1), IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas da INTERCOM, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do curso de Jornalismo da UFSC, e-mail: [alenonato@yahoo.com.br](mailto:alenonato@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

Dia 8 de fevereiro de 1959, domingo, segundo dia de carnaval, um *incidente*, *conflito* ou *trucidamento* (conforme noticiaram alguns jornais na época), um *massacre* (de acordo com Teixeira, 1982; Carvalho, 1997; Lopes, 1996) ou uma *repressão* (Couto, 2002) ocorreu no acampamento dos funcionários da construtora Pacheco Fernandes Dantas, durante a construção de Brasília, no governo Juscelino Kubitschek.

A Guarda Especial de Brasília (GEB) reprimiu com violência um motim dos trabalhadores, ocasionando morte(s) e ferimentos. Depoimentos das vítimas sobreviventes contam que o conflito com a GEB foi o ápice da indignação dos trabalhadores quanto ao tratamento que recebiam na Pacheco Fernandes. Apesar da razoável remuneração, muitos reclamavam das condições de trabalho, da precariedade da comida, da pressão para trabalho ininterrupto visando cumprir os prazos de entrega (Ayres, 1990; Soeiro, 1990; Queiroz, 1991). Em cerca de um ano, Brasília seria inaugurada.

O incidente começou com dois carpinteiros que chegaram atrasados e bêbados para a refeição e teriam recebido marmitas em péssimas condições de higiene. Os dois operários começaram a confusão: jogaram as marmitas no chão, quebraram mesas, intimidaram o cozinheiro-chefe. Três guardas foram acionados para deter os responsáveis pela confusão. Ao dar ordem de prisão dezenas de operários cercaram os guardas e impediram a ação.

Na versão oficial, por volta da 21h, 27 policiais foram ao acampamento armados com revólver calibre 38. Na versão extra-oficial de muitos candangos foram pelo menos 60 policiais, armados com revólver e pequenas metralhadoras. Chegaram ao local atirando. Muitos operários fugiram, mas nem todos conseguiram escapar dos tiros. Mesmo quem estava dormindo e nada sabia sobre a confusão foi perseguido. O inquérito policial aponta 45 trabalhadores agredidos (Rocha, 2004).

A partir daí a disparidade entre a versão do inquérito militar e os relatos dos candangos é enorme. A história oficial apresenta 1 morto e três feridos. Entre os sobreviventes do incidente há especulações que vão de 20 a mais de 100 assassinados naquele dia (Teixeira, 1982; Frederico, 1980). Segundo depoimento do desembargador Lúcio Batista Arantes (Rocha, 2004), o processo aberto da Comarca de Planaltina apontou a morte do operário Evaristo Soares Brandão. Além disto, foram também

baleados, mas sobreviveram: Antônio de Souza, Antônio Ubaldo Morais e Francisco Clemente dos Santos. Arantes nega que houve um massacre.

Visto o contexto exposto acima, este artigo propõe uma análise sobre o conteúdo publicado do incidente na Pacheco Fernandes. A ocorrência teve cobertura jornalística insuficiente e até hoje permanece obscura na historiografia. Por se tratar de um período de carnaval, muitos veículos da época não imprimiram suas edições, mostrando insuficiência também na estrutura profissional das empresas jornalísticas da época. Tal condição prejudicou, a diversidade, a pluralidade e a universalidade das fontes jornalísticas, fundamentais para garantir o direito social à informação.

O tema recebeu pouco destaque na mídia nacional, em alguns casos nenhum. O único jornal que enviou jornalista e fotógrafo para investigar pessoalmente o caso foi o Binômio, veículo de oposição a Juscelino Kubitschek, desde os tempos em que era governador mineiro. Os demais se limitaram a investigar o caso à distância e/ou reproduzir, em poucos parágrafos, informações fornecidas pelas agências de notícias.

Quando se discute ética jornalística, grande parte dos autores remete a problemas concretos, fatos que são colocadas no centro das discussões. Por exemplo, os excessos da imprensa na cobertura da Escola Base ou no caso Isabella Nardoni. Por outro lado, uma situação crítica é quando um acontecimento, de relevância sócio-política, não é investigado pela mídia trazendo conseqüências para a interpretação da realidade.

Se uma ocorrência não é registrada, historicamente ela não existe; se ocorreu há décadas e é encontrada em poucas fontes, sua difusão e universalidade é pequena. De acordo com Medina (1988), a História se interessa pelo acontecimento e pelas conexões do mesmo, enquanto o jornalismo procura registrar acontecimentos isolados (se interessando pelo passado e futuro na medida em que projetam luz sobre o presente). Publicada e reconhecida a sua significação, o que era notícia se transforma em História.

Segundo Karam (1997:94), “o maior número possível de informações, no maior número possível de veículos, com a maior densidade possível de controle social são princípios bastante razoáveis para permitir o maior número possível de fatos em suas sucessivas e diferenciadas versões, interpretações, opiniões”. Isso significa que o jornalismo precisa ter uma conexão com a totalidade social como atividade e, ao mesmo tempo, refletir a diversidade das muitas particularidades sociais que se expressam cotidianamente.

Em um período como hoje é muito difícil um acontecimento como uma chacina passar despercebida pela imprensa, já que a tecnologia possibilita maior facilidade e rapidez na apuração dos fatos. Mas, em 1959, quando uma viagem do Rio de Janeiro à Brasília demorava em média dois dias, sem infra-estrutura de comunicação adequada, o acesso à informação era mais difícil. Mesmo considerando os atenuantes da época, havia uma imprensa escrita atuante, diversificada, que pouco investigou o incidente na Pacheco Fernandes.

## 2. Mapeamento

A proposta deste artigo é mapear o que foi publicado pelos jornais em fevereiro de 1959 sobre o incidente na Pacheco Fernandes e também se as informações contidas nestes textos fornecem explicações satisfatórias ao leitor.

Com esta análise das notícias sobre este incidente, pretendemos discutir se a ausência da investigação jornalística, presencial, documental, ouvindo fontes de todos os lados envolvidos, teve alguma consequência no esclarecimento sobre esta ocorrência. Para isto, vamos analisar o que foi publicado sobre o incidente na Pacheco Fernandes, e entre os dias 12 e 16 de fevereiro de 1959 (antes disto, nada foi encontrado em veículos impressos, até o momento) nos jornais Binômio (MG), Diário de Pernambuco (PE), O Estado de São Paulo (SP), Última Hora (RS), Correio da Manhã (RJ), Jornal do Brasil (RJ), O Globo (RJ) e Tribuna da Imprensa (RJ). Os critérios utilizados para esta escolha foram:

**1) Registros disponíveis** – os jornais encontrados até o momento que publicaram algo sobre o tema;

**2) Mídia impressa** – a seleção de jornais influentes politicamente em diferentes regiões brasileiras;

**3) Cobertura** – a pesquisa, o aprofundamento e o destaque dado à ocorrência.

Um grande jornal da época, *O Diário de Notícias*, de Assis Chateaubriand, por exemplo, nada publicou sobre esta ocorrência em Brasília, mas o jornal *Binômio*, embora semanal, de menor circulação e influência política, deu destaque de capa e uma página inteira ao fato. Por outro lado, os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, que noticiaram o incidente, deram pouco destaque à ocorrência, mas eram publicações influentes politicamente no Brasil.

Assim foi possível reunir publicações de cinco estados brasileiros, a maioria com restrições ou claramente antagônicas à construção de Brasília e/ou o governo Juscelino Kubitschek (principalmente, Binômio e Tribuna da Imprensa).

Para facilitar a análise do conteúdo de oito jornais, de fevereiro de 1959, propomos duas tabelas que reúnem as principais informações (ou a falta delas) sobre o incidente na Pacheco Fernandes. Além dos títulos, as tabelas destacam a presença ou não do conteúdo essencial da matéria jornalística: o que, onde, quando, quem, como, por que (aqui, não necessariamente no primeiro parágrafo, mas no corpo de toda a notícia). Também, o total de morto(s) e feridos; se foi tomada alguma providência por autoridades e se há investigação em andamento. A ordem na tabela levou em conta dois aspectos básicos: 1) a data da publicação da notícia (as mais próximas do incidente); 2) a ordem alfabética entre os jornais.



Tabela 1: Jornais Última Hora (UH), Correio da Manhã (CM), Diário de Pernambuco (DP), O Globo (GL).

Informações publicadas	UH 12/2	CM 13/2	DP 13/2	GL 13/2
Título da matéria	“Carnaval em Brasília não deu para parar as Obras” (sic)	“Trucidamento em Brasília”	“Grave incidente em Brasília”	“Presos vinte e seis policiais do destacamento de Brasília”
O que ocorreu	“(…) provocaram violento tumulto; Durante a briga perdeu a vida o operário Evaristo Soares Brandão”.	“(…) metralharam indefesos operários, dormindo, através de paredes de dormitórios”.	“Verificou-se aqui um sério conflito entre a polícia mantida pela Novacap e os operários da firma construtora Pacheco Fernandes”.	“Coronel Osmar Dutra (...) prendeu vinte e seis policiais do destacamento local”.
Onde ocorreu	“(…) as residências e o acampamentos onde vivem os trabalhadores”.	“(…) em Brasília, no acampamento da firma Pacheco Fernandes”.	“Brasília”	“Brasília”
Quando ocorreu	“Na terça-feira, às 21 horas”.	–	–	“(…) terça-feira de carnaval”.
Quem estava envolvido	“(…) soldados da 6ª Companhia do Batalhão de Guardas”.	“(…) policiais do destacamento local”; (… os responsáveis pela chacina foram o mestre de obras e o engenheiro”.	Polícia da Novacap.	“policiais do destacamento local”.
Como ocorreu	–	–	“A repressão deu-se à bala e cassetetes”.	–
Por que ocorreu	“Não se conhecem exatamente os motivos da invasão, mas se sabem serem fúteis”.	“(…) operários reclamaram contra a má comida e falta de água”.	“O incidente deu-se por motivos de somenos importância” (…)	“(…) envolvidos num conflito com operários da firma Pacheco Fernandes” (…)
Total de mortos	Um morto.	“Nove mortos”.	–	“um operário”
Total de feridos	–	“(…) dezenas de feridos”.	“Muitos dos operários feridos encontram-se em estado grave”.	“(…) trinta outros feridos”.
Providência/Investigação	“O Coronel Osmar Dutra, (...) mandou prender 36 policiais, que vão responder a inquérito pela invasão”.	“Telegramas foram enviados aos Ministro da Guerra, Presidente da República, Congresso (…)”.	“A Associação Comercial de Brasília pediu a imediata dissolução do destacamento policial”.	Idem ao item “O que ocorreu”.



Tabela 2: Jornais Tribuna da Imprensa (TI), O Estado de S. Paulo (ES), Jornal do Brasil (JB) e Binômio (BN).

Informações publicadas	TI 13/2	ES 14/2	JB 14/2	BN 16/2
Título da matéria	“Greve em Brasília por causa da chacina de operários”	“Conflito em Brasília”	“Foi ver que houve mesmo em Brasília” (sic)	“Polícia De Facínoras Transformou Brasília Em Capital do Cangaço”
O que ocorreu	“(…) metralharam indefesos operários, dormindo, através de paredes de dormitórios”.	“Os operários que resistiam (a prisão) foram alvo de disparos”.	“(…) conflito entre policiais e operários da firma Pacheco Fernandes”.	“A selvageria dos policiais, que começaram a espancar os operários (...) Vendo seus colegas agredidos a ‘cassetete’ os operários reagiram e impediram a prisão” (...)
Onde ocorreu	“(…) em Brasília, no acampamento da firma Pacheco Fernandes”.	“(…) em Brasília”.	Brasília.	“Brasília”; “acampamento da Pacheco Fernandes”.
Quando ocorreu	–	“Há dias” (...)	“(…) terça-feira de carnaval”.	“no dia 8 de fevereiro, às 21h30”.
Quem estava envolvido	“(…) policiais do destacamento local”; (...) os responsáveis pela chacina foram o mestre de obras e o engenheiro”.	“(…) polícia da NOVACAP”; “Vieram reforços da Polícia Militar goiana”.	“20 presos deverão ser ouvidos pela Polícia de Brasília”.	“A Polícia da Novacap, constituída em sua quase totalidade por desordeiros e facínoras” (...)
Como ocorreu	–	–	–	“Os policiais desembarcaram de armas em punho, atirando sobre os grupos de operários (...)”.
Por que ocorreu	“(…) operários reclamaram contra a má comida e falta de água”.	“(…) operários da firma ‘Engenharia Pacheco Ltda’ reclamaram (sic) contra a escassez de água no acampamento e a má qualidade da alimentação”.	–	“(…) reclamaram a péssima qualidade da comida e a falta constante de água”.
Total de mortos	“nove mortos”.	“um morto”.	“um morto”.	“nove operários”.
Total de feridos	“(…) dezenas de feridos”.	“dois feridos”.	“(…) três feridos em estado grave”.	“(…) tendo ferido perto de outras cinquenta pessoas”.
Providência/Investigação	“Telegramas foram enviados aos Ministro da Guerra, Presidente da República, Congresso (...)”.	“O secretário de segurança adotou varias providencias, efetuando diversas prisões (sic)”.	“O inquérito para apurar a responsabilidade do conflito está sendo presidido pelo senhor Argelal Gonzaga”.	“O bando de sicários da NOVACAP foi preso por determinação do Coronel Osmar Dutra (...)”

### 3. Análise

Com exceção dos títulos, as notícias publicadas pelo Correio da Manhã e a Tribuna da Imprensa são idênticas. Sem enviar jornalistas para apurar pessoalmente o incidente, ambos reproduziram fidedignamente o conteúdo divulgado pela agência Asapress (que também não enviou jornalista ao local para cobrir a ocorrência). Ao contrário da versão oficial (um morto e três feridos), o texto apresenta “nove mortos” e “dezenas de feridos”, este último sem especificar o número exato. Em nenhum momento foram informadas as fontes utilizadas para embasar a afirmação. A versão de uma morte foi dada pelo Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, O Globo e Última Hora.

Outro trecho, “metralharam indefesos operários, dormindo, através de paredes de dormitórios” (CM e TI), também é diferente da versão da Novacap (órgão responsável pela construção de Brasília) que alega não existir metralhadoras disponíveis à GEB e que o foco da atuação foi o conflito no refeitório. Outro dado controverso, “os responsáveis pela chacina foram o mestre de obras e o engenheiro” (CM e TI), nunca foi comprovado. O inquérito policial não responsabilizou ou condenou algum funcionário, guarda ou autoridade local. Os demais jornais chamaram atenção para o conflito violento entre operários e policiais. Apenas o Binômio e Última Hora destacaram o nome do operário morto Evaristo Soares Brandão.

Os títulos “Trucidamento em Brasília” (CM) e “Greve em Brasília por causa da chacina de operários” (TI) trazem adjetivações que explicitam a pré-condenação destes jornais, sem fundamentá-las em dados oficiais ou depoimentos, não deixando claro em nenhum momento as fontes utilizadas. Se o que os dois jornais escreveram nas manchetes é verdadeiro (trucidamento/chacina), tal fato não merecia um investigação mais criteriosa nos dias seguintes?

Já os outros jornais apresentam títulos mais cautelosos, por exemplo, o Estado de S.Paulo (“Conflito em Brasília”), O Globo (“Presos vinte e seis policiais do destacamento de Brasília”) e Diário de Pernambuco (“Grave incidente em Brasília”). E ainda observa-se dois títulos imprecisos do Última Hora (“Carnaval em Brasília não deu para parar as Obras”) e do Jornal do Brasil (“Foi ver que houve mesmo em Brasília”) que não expressaram a essência da notícia nem adjetivos que demonstrassem a posição destas publicações.



A maioria dos jornais coletados menciona a falta de água e problemas com a comida como as razões para o conflito, porém o Diário de Pernambuco e Última Hora citam: “Não se conhecem exatamente os motivos da invasão, mas se sabem serem fúteis” e “O incidente deu-se por motivos de somenos importância”. No entanto, as duas publicações não explicam exatamente quais seriam estes motivos “fúteis” e “de somenos importância”.

Com exceção do Binômio, os demais jornais se limitaram a fornecer informações sucintas sem explicar como ocorreu o incidente (o Diário de Pernambuco escreveu que “A repressão deu-se à bala e cassetetes”, sem contextualizar e trazer mais detalhes). Já o semanário mineiro contou com depoimentos de testemunhas e feridos para descrever, em matéria de uma página, as etapas do incidente (desde a briga entre operários com o cozinheiro-chefe até a repressão violenta da Guarda Especial de Brasília).

O mesmo semanário foi o único a publicar corretamente a data e o horário do incidente: “no dia 8 de fevereiro; às 21h30”. Os jornais Correio da Manhã, Diário de Pernambuco e Tribuna da Imprensa não informaram a data nem o horário do conflito; Última Hora, O Globo e Jornal do Brasil erraram ao afirmar que o fato aconteceu na “terça-feira” de carnaval, ou seja, no dia 11 de fevereiro de 1959. E ainda, O Estado de S.Paulo, publicou que a ocorrência foi “Há dias”.

O Binômio foi também o único a continuar investigando o caso. Cerca de um mês depois do incidente, os mesmos jornalistas foram novamente à Brasília, onde não encontraram mais os trabalhadores feridos e as testemunhas que deram depoimentos ao semanário. Sem alternativa de trazer novas informações sobre o caso, que tempos depois foi arquivado, os jornalistas fizeram uma matéria sobre as condições de trabalho durante a construção de Brasília, lembrando o ocorrido no acampamento da Pacheco Fernandes.

Há um grande paradoxo envolvendo a cobertura do jornal Binômio neste caso. A publicação era explicitamente contrária ao modelo político de Juscelino Kubitschek, desde os tempos em que era governador mineiro, sendo acusado de ligações com a UDN (maior partido de oposição ao governo JK). A matéria sobre a Pacheco Fernandes é repleta de adjetivos pejorativos, a começar pelo próprio título da matéria “Polícia De Facínoras Transformou Brasília Em Capital do Cangaco”. Por outro lado, mesmo sendo inegável a tendência política do jornal, a ausência de neutralidade e de imparcialidade, a

matéria foi a que mais trouxe dados sobre o incidente, baseados em depoimentos de operários e sobreviventes.

A matéria do Binômio, diferente dos demais jornais, afirma que nove pessoas morreram e cerca de outras cinquenta ficaram feridas. O repórter Dídimo Paiva e o fotógrafo Antonio Cocenza “driblaram” os seguranças presentes no hospital local para conseguir os relatos e as fotografias mostrando os feridos internados. Questionada, a diretoria da Novacap minimizou a ocorrência e preferiu aguardar a conclusão das investigações (Paiva, 2009).

Com os dados que foram expostos e analisados até o momento, não se pretende justificar a versão oficial do inquérito policial ou da Novacap, nem especular sobre os números de mortos e feridos (se foi uma chacina ou não). Chama-se a atenção para a ausência do jornalismo na cobertura desta ocorrência, apurando pessoalmente os fatos, buscando mostrar diferentes versões e investigando detalhes mal esclarecidos a respeito do incidente que permanecem até hoje e frequentemente são alvo de matérias de várias páginas de jornais como Correio Braziliense e O Estado de Minas.

#### **4. Jornalismo e Verdade**

Toda notícia deve buscar a verdade, no sentido de compreendermos melhor a realidade, trazer reflexões, questionamentos e visões que vão de encontro ao *status quo* ou ao senso comum? Ou notícia pode ser simplesmente uma justaposição de palavras que descrevem algo, um evento ou um fato?

Walter Lippmann (2008:179-184) distingue a notícia (*news*) e a verdade (*truth*). A notícia, logo a informação, reflete apenas um fragmento do conhecimento do objeto, tendo como função assinalar um acontecimento. Já a verdade pressupõe uma procura, uma revelação de fatos ocultos, mostrando a relação entre eles e permitindo destacar uma imagem da realidade.

“A função da notícia é sinalizar um evento, a função da verdade é trazer à luz fatos escondidos, colocá-los um em relação ao outro e fazer um quadro da realidade no qual os homens possam agir. Somente nesses pontos, em que as condições sociais assumem uma forma reconhecível e mensurável, é que o corpo da verdade e o corpo da notícia coincidem” (Lippmann, 2008:179).

O conceito destacado por Lippmann sobre notícia e verdade é criticado por autores como Moretzsohn (2007:198) que considera o jornalismo restrito ao “relato de fatos”

alienante e uma “perspectiva apaziguadora para quem deseja fugir à responsabilidade sobre o que informa” (o que ela chama de “jornalismo de mãos limpas”).

Muito pior do que fazer um jornalismo alienado e de “mãos limpas” é praticar um jornalismo meramente descritivo que não contribui para o entendimento da realidade, dos acontecimentos e nem correspondem à verdade, seja intencionalmente ou por falta de profissionalismo. E no caso específico do tema deste artigo, uma descrição baseada em informações “oficiais”, descontextualizada da visão dos trabalhadores e testemunhas.

Mesmo assim, conforme já mencionado anteriormente, algumas publicações explicaram o incidente partindo do princípio que as razões foram “fúteis” e “de somenos importância”, justificando, até certo ponto, a ausência de investigação presencial e o aprofundamento das notícias publicadas. Sem espaço para o leitor reconhecer a necessidade de investigação, a empresa jornalística não mostra suas deficiências internas: falta de profissionais, baixos salários, ausência de recursos para viagens, desinteresse editorial por grandes reportagens.

Assim, notas pequenas publicadas sobre a Pacheco Fernandes apresentaram-se para o público como adequadas e suficientes para explicar o caso. Mas certamente não foram já que nos últimos anos várias reportagens trazem novos depoimentos de ex-trabalhadores da construtora, testemunhas e candangos que atuavam em outras empreiteiras e souberam do incidente (Dubeux, 2000; Germano, 2004; Goulart, 2009; Alves & Goulart, 2009).

O jornalista Carlos Lacerda é outro autor que perseguiu o ideal da verdade no trabalho jornalístico. O autor de *A Missão da Imprensa* afirma que só existirá liberdade de imprensa quando o jornalismo estiver a serviço da verdade. Lacerda considera que não se pode silenciar nem em nome da prudência e que o interesse público, a obrigação social e o direito à informação devem estar acima do comodismo. Silenciar, em muitos casos, é ser cúmplice, o que na prática significa que não há liberdade (Lacerda, 1990).

Curiosamente, o jornal *Tribuna da Imprensa*, de Lacerda (contemporâneo de Juscelino Kubitschek e um dos maiores opositores de Brasília e do seu governo), também deu pouco destaque ao incidente (em um período em que a UDN buscava atrapalhar e adiar a inauguração de Brasília). Aqui, mais um aspecto deve ser levado em

consideração: muitos jornais brasileiros na época não publicaram suas edições entre os dias 9 e 11 de fevereiro de 1959, pois era um feriado de carnaval. Assim, a edição de 8 de fevereiro, sábado, dia do incidente, correspondia as notícias do dia anterior; do mesmo modo, a edição do dia 12 de fevereiro, quarta-feira, priorizou especialmente as fotos, os bailes e os resultados referentes ao carnaval de rua. Um grande destaque dado na edição do dia 12 de fevereiro, em alguns dos oito jornais já mencionados, foi a passagem da atriz norte-americana Jane Mansfield, que passou o período no Rio de Janeiro acompanhando as festividades.

Neste sentido, é importante lembrar dos conceitos de Lorenzo Gomis (2002:226-232), de *importante* e *interessante* (dois grandes valores-notícia). Para este jornalista, o importante é o que devemos saber e não pode deixar de ser dito; o interessante é aquilo que é agradável conhecer e pode deixar de ser dito.

“(...) Se comunicamos um fato que é importante, prestamos um serviço à comunidade. Se imprimimos algo que é interessante e que, com efeito, interessará ao leitor, venderemos mais jornais ou, no caso dos meios audiovisuais, atrairemos mais audiência” (p. 226).

Na cobertura dos jornais analisados, a partir da edição do dia 12 de fevereiro de 1959, nota-se um destaque significativo para as festividades ocorridas durante o carnaval (interessante) em detrimento das discussões políticas e dos problemas sociais brasileiros (importante). O destaque dado ao incidente na Pacheco Fernandes evidencia também o foco da imprensa brasileira naquela semana. Assim, conforme Gomis, “os jornalistas lutam por manter o interesse e, entre tantos esforços, perde-se de vista o importante” (2002:237).

Outro ponto que vale destacar é que nenhum dos jornais, que trouxeram informações incorretas, fez retificações nas edições posteriores. Conforme já apresentado, os itens das tabelas “Quando ocorreu”, “Total de mortes”, “Total de feridos”, em algumas publicações os dados fornecidos são equivocados ou inexatos.

Segundo Cornu (1994:84) o respeito do jornalista pela verdade está relacionado também ao dever de retificação. “A notícia difundida pode ser desmentida, corrigida, completada por incontáveis actores pertencentes, no sentido mais amplo, ao público: pessoas implicadas, peritos, testemunhas, colegas. Reencontramos assim, a propósito da

informação, as condições exigidas pela investigação científica”. Para o autor, não há jornais nem jornalistas que não cometam erros, sendo que as publicações sérias e os profissionais rigorosos se distinguem dos outros ao publicar esclarecimentos e retificações.

## **5. Considerações finais**

A partir desta breve análise, observa-se a ausência do jornalismo na cobertura sobre o incidente no acampamento da construtora Pacheco Fernandes, durante a construção de Brasília. Quando se utiliza a expressão “ausência”, não se quer dizer inexistência total do jornalismo, mas carência, falta ou distância de algo que deveria estar presente. No caso, a inexistência é da apuração e da cobertura jornalística de um acontecimento de relevância político-social, historiográfica, contribuindo na interpretação da sociedade em que vivemos.

As informações publicadas, a maioria notas com poucos parágrafos, não fornecem explicações satisfatórias ao leitor para explicar a dimensão do incidente. Não apresentam pontos de vista contraditórios e nem se interessaram em saber o desfecho judicial. E ainda, apresentam-se em muitos momentos equivocadas e inexatas, consequência principalmente da falta de apuração presencial.

Considera-se aqui uma cobertura jornalística satisfatória não apenas quanto a ética e a objetividade da produção da matéria em si, mas a pluralidade de observação e de relato para que o leitor possa confrontar as versões. Isto se desdobra em diversidade de fontes, de canais e de núcleos receptores, possibilitando que acontecimentos sejam interpretados e reproduzidos sob ângulos diferentes (Melo, 2006:49). Tal condição é também fundamental para garantir o direito social à informação.

Sem esta pluralidade de canais de comunicação, com apuração satisfatória na cobertura deste episódio, a imprensa (leia-se aqui empresas e profissionais) não apenas deixou de cumprir seu papel de busca pela verdade, “ser a vista da Nação” (Barbosa, 2004:32), zelar por um compromisso social, mas também deixou um lacuna histórica provavelmente irreparável, pois dificilmente alguém conseguirá hoje reunir as fontes (pessoas, documentos, materiais) disponíveis naquela época.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, R. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Papagaio, 2004.
- CARVALHO, V. **Conterrâneos Velhos de Guerra**. Brasília: GDF/ Fundação Cultural, 1997.
- CORNU, D. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Piaget, 1994.
- COUTO, R. C. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. São Paulo: Ed. Record, 2002.
- GOMIS, L. *“Do importante ao interessante – ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo”*. **Pauta Geral 4**. 2002. (pp. 225-242)
- KARAM, F. J. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.
- LACERDA, C. **A Missão da Imprensa**. São Paulo: Edusp, 1990.
- LIPPMANN, W. **Notícia, verdade e uma conclusão**. In: A era glacial do jornalismo. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LOPES, L. C. **Brasília, o enigma da esfinge**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- MELO, J. M. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.
- MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- TEIXEIRA, H. **Brasília: o outro lado da utopia (1956-1960)**. Brasília: UnB, 1982.
- Entrevistas realizadas e de Arquivos Públicos**
- AYRES, W. P. Depoimento – Programa de História Oral. Brasília, ArqPDF, 1990.
- PINHEIRO, B. F. Entrevista: Alexandre Nonato. Ceilândia (DF), 2004.
- PAIVA, D. Entrevista: Alexandre Nonato. Belo Horizonte (MG), 2009.



QUEIROZ, E. Depoimento – Programa de História Oral. Brasília. ArqPDF, 1991.

SOEIRO, J. I. Depoimento – Programa de História Oral. Brasília, ArqPDF, 1990.

### **Jornais e Revistas**

ALVES, R. & GOULART, G. “*Clima de Medo*”, **Correio Braziliense**, 02/02/09. (p. 16)

**CORREIO DA MANHÃ**. “*Trucidamento em Brasília*”, Rio de Janeiro, 13/02/1959.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO**. “*Grave incidente em Brasília*”, Recife, 13/02/1959.

DUBEUX, A. “*Mito ou massacre?*”, **Correio Braziliense**, Brasília, 19/04/2000. (p. 4)

FREDERICO, J. “*É carnaval. A GEB metralha operários*”, **Jornal de Brasília**, 20-21/04/1980. (pp. 15 a 18.)

GERMANO, A. “*Os fantasmas de um massacre*”, **Jornal de Brasília**, 29/02/04. (pp. 10 a 12)

GOULART, G. “*Vítimas da Covardia*”, **Correio Braziliense**, Brasília, 08/02/2009. (p. 30)

**JORNAL DO BRASIL**. “*Foi ver que houve mesmo em Brasília*”, Rio de Janeiro, 14/02/1959.

**O ESTADO DE S.PAULO**. “*Conflito em Brasília*”, São Paulo, 14/02/1959.

**O GLOBO**. “*Presos vinte e seis policiais do destacamento de Brasília*”, Rio de Janeiro, 13/02/1959.

PAIVA, D. “*Polícia de facínoras transformou Brasília em capital do cangaço*”, **Binômio**, Belo Horizonte, 16/02/1959.

ROCHA, M. “*Documento desvenda ‘massacre’ de Brasília*”, **Estado de Minas**, 23/07/04, p.10.

**TRIBUNA DA IMPRENSA**. “*Greve em Brasília por causa da chacina de operários*”, Rio de Janeiro, 13/02/1959.

**ÚLTIMA HORA**. “*Carnaval em Brasília não deu para parar as obras*”, Rio de Janeiro, 12/02/1959.